

LIBERTAÇÃO QUEER, LGBT+ E LUTA DE CLASSES

Jomo (Black Orchid Collective)

OS LIMITES DAS ESTRATÉGIAS ATUAIS

Tem havido uma falta de estratégia e visão da libertação queer que integre o antirracismo, o antipatriarcado, a luta de classes e o anticapacitismo. Enquanto os acadêmicos produziram milhares de livros sobre teoria queer, deixando nossas cabeças tontas com a linguagem abstrata, nós, nas bases, não produzimos de forma semelhante nossa própria teoria e prática de lutas queer [e LGBTQIA+].

Isso não quer dizer que as pessoas não tenham liderado campanhas importantes e bem-sucedidas em torno da libertação queer. No entanto, a estratégia e a visão não foram claramente articuladas e foram insuficientemente teorizadas para serem replicadas e generalizadas em diferentes lugares e condições. O resultado é a dominação dos liberais, com suas ideologias pró-capitalistas, liberais, racistas, apaziguadoras e de “tolerância”.

A FALTA DE UMA PERSPECTIVA CLASSISTA

Algumas questões gritantes são: onde está a classe trabalhadora em nossa estratégia e visão de libertação queer? Que tipo de política definiu a libertação queer de tal forma que levou ao apagamento da classe trabalhadora, que compõe a maioria da sociedade dos EUA e do mundo? A maioria das queers são trabalhadoras. Isso significa que a luta queer também é uma luta de classes. Por que não foi vista como tal? Como nos organizamos como trabalhadores para exigir a libertação queer? Quem são nossos amigos e quem são nossos inimigos? Será a burocracia sindical ou as bases que liderarão o movimento?

Essas questões nos levam a examinar como a política da classe média dominou a organização queer. Essa dominação levou ao apagamento da classe trabalhadora e queers pobres. Isso não é uma mera coincidência.

Os acadêmicos da classe média produziram teorias da classe média para entender nossa opressão. Na era pós-1960, com o fim da política de luta de classes, a política de identidade assumiu o reinado. Da mesma forma, o fracasso dos grupos revolucionários em assumir o gênero e a sexualidade como partes decisivas da luta de classes significou que os acadêmicos tiveram o reinado livre para monopolizar a teoria queer.

Como resultado, os acadêmicos da classe média poderiam se safar afirmando que a política de luta de classes não tem nada a ver com a política queer porque eles confundiram a política reducionista de classes e muitas vezes heterossexista de seitas esquerdistas degeneradas com a luta da própria classe trabalhadora, incluindo seus muitos membros queer [e LGBTQIA+].

A NECESSÁRIA CRÍTICA DA NOÇÃO DE “INTERSECCIONALIDADE”

O resultado de tudo isso é que nosso movimento fica com uma análise superficial da “interseccionalidade”, em vez de uma estratégia completa pela qual os oprimidos – pessoas racializadas, mulheres, gays, lésbicas, pessoas com deficiência – podem se unir para lutar contra nossos inimigos comuns. Nos círculos progressistas, a ideia de “interseccionalidade” foi retomada pelo complexo industrial sem fins lucrativos (NPIC). Na ausência de organizações da classe trabalhadora, como organizações revolucionárias e sindicatos fortes, a academia e o NPIC se tornaram as instituições

progressistas dominantes hoje. As teorias que as defendem, compreensivelmente, têm impactos duradouros.

É comumente explicado que “nossas opressões se interseccionam”. Essa opressão de raça, classe e deficiência (os “ismos”) se unem para apoiar uns aos outros. Quando os ativistas fazem referência a essas interseções, geralmente é um chamado para diferentes grupos baseados em identidade para trabalharem juntos, para combater o dividir e conquistar. É também uma tentativa de reconhecer as lutas específicas de cada opressão baseada na identidade. As intenções são boas e servem inicialmente como lentes úteis para a compreensão de várias experiências, mas fracassam como teoria organizadora.

O apagamento da classe na teoria da interseccionalidade é mais claramente expresso por meio da substituição da opressão de classe pelo termo inofensivo: “classismo” [em inglês, algo como: “preconceito de classe”]. Em vez de defender a luta de classes da classe trabalhadora e dos pobres assumindo os meios de produção e o funcionamento da sociedade, a análise do “classismo” é uma tentativa de elevar a consciência dos ricos, para serem *bons, amigáveis e sensíveis* para com seus irmãos mais pobres. Sob a ideologia do “classismo”, os trabalhadores e os pobres se tornam o fardo do homem rico, não um agente de mudança por nossos próprios direitos. Na verdade, a organização que surge de tal ideologia é tão condescendente e paternalista em relação à classe trabalhadora e aos pobres quanto o esnobismo que ela visa criticar.

Na pior das hipóteses, a teoria da interseccionalidade compartimentaliza nossas identidades – somos um compartimento de “classe”, colocado ao lado de um compartimento de “mulher”, colocado ao lado de um compartimento de “pessoa racializada” e, em seguida, um compartimento de “pessoa com deficiência”, e a lista continua.

Na realidade, não somos compartimentos organizados ordenadamente segregados e, em seguida, interseccionados. O fato de cada um desses compartimentos individuais ser posteriormente dividido naqueles com mais e menos poder institucional também é apagado. Na realidade, somos uma malha de pessoas da classe trabalhadora, queer, de gênero, com capacidades diferentes e racializadas. Não temos, naturalmente, mais lealdade ao segmento queer de nós mesmos do que ao segmento racializado – somos tudo isso ao mesmo tempo.

Odiamos as queers da supremacia branca, tanto quanto desdenhamos as pessoas racializadas da classe dominante ou a burocracia operária que prontamente nos sacrificará por seus próprios interesses. Também não temos, naturalmente, mais lealdade à classe média homossexual do que aos trabalhadores comuns. Nossa autoconcepção é mais complicada e nossas libertações, mais explosivas.

A CLASSE TRABALHADORA E A LIBERTAÇÃO QUEER E LGBT+

A maior parte do mundo é a base da classe trabalhadora, não os burocratas sindicais. A maioria das queers não é de classe média e branca. Na verdade, burocracias sindicais e classes médias queer nos traíram na busca por seu próprio poder, fazendo alianças vergonhosas exatamente com forças que exploram nosso trabalho e apagam nossas identidades. Somos majoritariamente da classe trabalhadora, soldados rasos, pessoas estranhas racializadas e é isso que a maioria de nós vê quando olhamos no espelho todos os dias.

Qualquer tentativa de construir uma “aliança” entre o trabalho e queers precisa começar deste ponto de partida. Uma “aliança” ou “intersecção” nem deveria ser necessária, só se faz necessária pelo fato de que a burocracia sindical domina o “trabalho” e as elites gays (masculinas) dominam a “queerness”. Se pudermos quebrar

essas dominações gêmeas, então será muito mais fácil construir uma “aliança” porque a maioria das queers já são trabalhadores e muitos trabalhadores são queer. Isso envolve luta e organização.

O PATRIARCADO SOB O CAPITALISMO

Sob o capitalismo, o patriarcado cumpre a dupla função de desvalorizar o trabalho feminino, particularmente o das mulheres racializadas, bem como apaziguar o trabalho masculino oprimido. O binarismo de gênero, a família patriarcal e o casamento heterossexual são manifestações fundamentais do patriarcado que afetam a vida cotidiana dos trabalhadores.

O binarismo de gênero limita e impõe a divisão entre os gêneros masculino e feminino, subjugando o segundo ao primeiro. Historicamente, os trabalhadores do sexo masculino, principalmente os brancos, têm sido atribuídos à racionalidade, ao conhecimento científico e ao poder em relação às trabalhadoras.

As mulheres, o sexo supostamente inferior, são lançadas com histeria, emoções, instabilidade, necessitando de supervisão e controle masculino. As mulheres negras foram desvalorizadas na sociedade, alvos do racismo e do sexismo, e seu trabalho, o mais desvalorizado. Nossa mão de obra barata e acessível proporcionou ao capitalismo um looping interminável de trabalhadoras que aceitarão baixos salários.

A SUPREMACIA MASCULINA

A fraternidade da supremacia masculina também institucionaliza essa divisão para evitar que os trabalhadores do sexo masculino questionem suas próprias opressões – sempre há alguém em pior situação. Através do processo de escravidão e supremacia branca, a classe dominante dos EUA percebeu que poderia manter os trabalhadores brancos sob seu controle, dando-lhes melhores salários e outros benefícios negados aos trabalhadores negros. Isso os encorajou a refletir sobre o fato de que, por mais miseráveis que sejam, pelo menos não são negros.

Da mesma forma, muitos trabalhadores do sexo masculino se congratulam por não serem sexualizados, objetificados e desvalorizados como mulheres trabalhadoras sob o sistema capitalista. Sempre há alguém em pior situação. Sob esse binarismo, os não binários, trabalhadores trans não conseguem encontrar um lugar estável e liberado. Para os supremacistas masculinos, as mulheres trans traíram seu gênero, e os homens trans profanam o gênero masculino. Por sua ruptura, ambos realizam a indesejável, indefensável e transgressora divisão.

EXISTIR NÃO BASTA

Nossa mera existência como queers não implica naturalmente que sejamos antipatriarcais ou anticapitalistas, mas nossa existência ameaça esse binário sob o capitalismo e cabe a nós apresentar uma política que utilize esse poder.

Por meio de uma política queer que também se origina de lutas antipatriarcais, questionamos a noção de que as trabalhadoras precisam ser subservientes ou de que os trabalhadores homens precisam se agarrar às correntes de sua prisão. Podemos destruir o binarismo de gênero em qualquer lugar que formos e, por meio disso, dismantelar os sistemas que têm como premissa sua existência.

À medida que o sistema capitalista abandona as cidades americanas antes prósperas e sindicalizadas para explorar mão de obra mais barata em outros lugares, as cidades desindustrializadas estão cheias de desempregados e pobres de todos os gêneros. O ensaio esclarecedor de Lisa Duggan[1] sugere que, onde o privilégio branco e o privilégio masculino antes garantiram aos brancos e aos homens um senso de direito

com base em sua raça, gênero e cidadania, hoje a corrida capitalista para o fundo do poço retirou esses benefícios e, em vez disso, apresenta desemprego e bem-estar como as poucas opções viáveis. Em vez dessas perdas, os trabalhadores brancos do sexo masculino ou reconhecem a necessidade de ficar ao lado de outros trabalhadores oprimidos, ou se ressentem de sua perda e procuram reforçar esse senso de superioridade e direito. [...] Na ausência de empregos e na presença de pobreza abjeta, aqueles que transgrediram limites foram submetidos à violência. Eles ameaçaram uma ordem existente que não podia lidar com qualquer trepidação. Ela diz com perspicácia,

Uma política que não consegue entender as restrições, coerções, pressões e privações impostas por hierarquias de classes e exploração econômica, ou que não consegue imaginar as realidades das vidas rurais, agrícolas e outras não metropolitanas, não pode falar com os Brandons em nosso meio. Brandon precisava de um movimento operário, uma política da classe trabalhadora, uma crítica das crueldades econômicas.[2]

A citação de Duggan e sua análise são importantes porque discute a homofobia e a transfobia não apenas como uma forma incompreensível de ódio por pessoas heterossexuais, mas sim a situa no contexto de desindustrialização, pobreza e pressões que tal privação econômica cria para todas as pessoas que vivem aquele ambiente.

Isso é importante para entendermos, não para desculpar a violência dos crimes do perpetrador, mas sim para entender suas origens para que possamos lutar e mudar as condições que os criaram. Um ódio incompreensível não pode ser destruído e nem pode ser transformado, mas através da luta de massas, uma condição econômica e suas pressões que levam à transfobia e à homofobia, podem potencialmente serem mudadas.

A HOMOFOBIA E A TRANSFOBIA NA CLASSE TRABALHADORA

No entanto, ao contrário do que o chauvinismo da classe média quer nos fazer crer, a homofobia e a transfobia não são apenas os domínios das cidades desindustrializadas e da classe trabalhadora. O reconhecimento da existência da homofobia e da transfobia dentro das comunidades da classe trabalhadora é simplesmente uma avaliação sóbria e o reconhecimento dos desafios que temos que superar na concretização da organização em direção a uma visão de uma libertação queer da classe trabalhadora.

Como diz Joanna Kadi, a caricatura do trabalhador homofóbico também é uma fantasia de queers elitistas que não tiveram nenhum contato significativo ou simplesmente desdém e ódio de classe pela classe trabalhadora. Pessoas de classe média e seu chauvinismo urbano nos fazem acreditar que queers fora das áreas metropolitanas estão sujeitas a crimes de ódio ainda maiores, ou violência de suas comunidades. Essas pessoas não têm como entender as inúmeras maneiras pelas quais nossas famílias e comunidades também expressaram seu amor e apoio aos nossos estilos de vida e parceiros escolhidos. Presas por normas de etiqueta social menos rígidas com as quais os ricos são socializados, nossas famílias da classe trabalhadora são menos inclinadas a esconder o que acreditam.

Isso não significa que somos mais ou menos homofóbicos, simplesmente mais vocais sobre o que quer que seja. Quando os holofotes brilham sobre a questão da homofobia da classe trabalhadora, o que fica invisível é a heteronormatividade institucionalizada, o racismo, a capacitação e a opressão de classe que destruíram mais vidas homossexuais do que os crimes de ódio jamais fizeram. Os militares, o abjeto sistema de saúde que aumenta nosso risco de HIV / AIDS, desemprego e brutalidade policial são apenas alguns exemplos.

Não nos esqueçamos que o sangue está nas mãos da classe dominante capitalista e da classe média que cria, apoia e faz cumprir essas políticas.

SEXUALIDADE E CLASSE

Estaremos degenerando e caindo em um reducionismo de classe ao situar as lutas queer dentro da opressão de classe? Corremos o risco de dizer “Queers e Héteros, se unam e lutem?” na mesma linha que o Partido Comunista uma vez idealizou para os trabalhadores negros?

A visão de “Preto e Branco, se unam e lutem” colocava as demandas dos trabalhadores negros em segundo plano em relação às demandas dos trabalhadores brancos, alegando que os trabalhadores negros deveriam silenciar suas lutas contra o racismo por uma fachada de unidade. Em vez de exigir que os trabalhadores brancos superassem a supremacia branca, os trabalhadores negros foram acusados de dividir a classe por meio de sua resistência contra seus colegas racistas.

Para nossos propósitos, como podemos evitar as mesmas estratégias reducionistas de classe que clamam por uma frente popular não democrática entre trabalhadores queer e um movimento operário muito heteronormativo?

Existem algumas lições preciosas a aprender com o movimento Black Power. Em seu artigo, James discute como Malcolm X, uma figura que muitos associariam apenas com a política nacionalista negra, foi capaz de atingir o ponto crucial da luta da classe trabalhadora. Para citá-la:

Os intelectuais no Harlem e Malcolm X, aquele grande revolucionário, eram ambos nacionalistas, ambos pareciam colocar a cor acima da classe quando a esquerda branca ainda cantava variações de “pretos e brancos, unam-se e lutem” ou “negros e operários devem se unir”. A classe trabalhadora negra foi capaz, por meio desse nacionalismo, de redefinir a classe: esmagadoramente, negro e operário eram sinônimos (nenhum outro grupo tinha operário como sinônimo – exceto talvez as mulheres), as demandas dos negros e as formas de luta criadas pelos negros eram as mais abrangentes da classe trabalhadora.[3]

Onde a classe é racializada e a opressão exacerbada ao longo das linhas raciais, a raça também foi outra redefinição de classe. A Liga dos Trabalhadores Negros Revolucionários [League of Revolutionary Black Workers] foi um exemplo. Com sede em Detroit no final dos anos 1960, o LRBW era uma organização negra de trabalhadores da indústria automobilística independente da burocracia sindical.

Eles viram que a burocracia sindical, em sua colaboração com a gestão, era incapaz e sem vontade de lutar contra o racismo que os trabalhadores negros enfrentavam. Eram sempre os últimos contratados e os primeiros demitidos, e sujeitos a condições de trabalho extremamente perigosas porque suas vidas não importavam para os capitalistas e a burocracia sindical. O LRBW tomou ações independentes no chão de fábrica, como greves selvagens, para lutar por sua segurança, por meio de uma mensagem de luta dos trabalhadores negros contra o racismo. Quando as reivindicações foram cumpridas, foi uma vitória de toda a classe trabalhadora.

A luta negra é a luta de classes. Como podemos formar organizações hoje que assumem as lutas que trabalhadores queers [e LGBTQIA+], tanto empregados quanto desempregados, enfrentam no local de trabalho e, ao fazê-lo, promovem a luta por toda a classe trabalhadora? Para que nossas vitórias sejam também vitórias de classe?

UM PROJETO CLASSISTA DE EMANCIPAÇÃO QUEER E LGBT+

A necessidade de uma teoria e prática da libertação queer da classe trabalhadora não é apenas uma incursão acadêmica. É uma necessidade para nós irmos além do jargão abstrato da teoria queer, além dos anais da academia, centros urbanos e cenas progressistas sem fins lucrativos. Se quisermos atrair queers que são da classe trabalhadora, pessoas racializadas, têm diferentes capacidades e que podem nem mesmo se identificar como queer, mas cujas vidas amorosas, vidas sexuais, expressões de gênero e formações familiares estão todas estranhamente fora da heteronormatividade, então precisamos articular uma política que reflita essa diversidade.

Baseando-se nas palavras do Combahee River Collective, queers da classe trabalhadora de todas as raças, habilidades e gêneros, temos que ser responsáveis por nossa própria libertação. Temos que construir o poder de tal forma que aqueles que nos acusam de dividir seu movimento operário heterossexista, ou seus movimentos homossexuais de classe média branca, tenham que perceber que “eles podem não apenas perder aliados valiosos e trabalhadores em suas lutas”, mas que eles também podem ser forçados a mudar suas formas habitualmente heterossexistas de interagir e oprimir queers da classe trabalhadora.

Em 1978, as feministas lésbicas negras do Combahee River Collective disseram:

Podemos usar nossa posição na base, entretanto, para dar um salto claro para a ação revolucionária. Se as mulheres negras fossem livres, isso significaria que todos os outros teriam que ser livres, pois nossa liberdade exigiria a destruição de todos os sistemas de opressão.[4]

Faremos bem em aprender com essa história para construir nossa teoria e prática sobre uma libertação queer que abarca uma política de luta de classes antirracista, antipatriarcal e anticapacitista. Poder para queers e, portanto, para a classe.

NOTAS:

1. Lisa Duggan, “The Brandon Teena Case and the Social Psychology of Working-Class Resentment,” *New Labor Forum* 13(3) 2004. Quando a autora fala de Brandon, se refere a Brandon Teena, um homem trans que foi estuprado e assassinado a sangue frio em 1993, em Lincoln Nebraska, depois que sua identidade transgênero foi revelada.
2. Idem.
3. Selma James, “Sex, Race and Class.” Disponível em: <http://libcom.org/library/sex-race-class-james-selma>.
4. Combahee River Collective Statement. Disponível em: <http://circuitous.org/scraps/combahee.html>.

*** Este texto foi composto com trechos do texto “Libertação Queer é Luta de Classes”; seleção e subtítulos da OSL.**



Este texto é parte do Programa Mínimo de Formação da OSL